

Homilia do Pe. Adriano Bregolin 27 de fevereiro, 2014

Caríssimos Irmãos,

A Palavra do Evangelho de hoje propõe-nos uma reflexão de acordo com o tema do nosso Capítulo Geral: a radicalidade evangélica. Com efeito aquilo que o Senhor diz aos seus discípulos é um convite a assumir com plena consciência e radicalidade o caminho do seguimento do Mestre. Mais precisamente, Ele procura torná-los conscientes daquilo que é necessário para ser fiéis discípulos da sua pessoa, do Senhor.

Elementos de reflexão

No tempo de Jesus, os mestres da lei, com o peso da sua autoridade e com a ameaça das suas excomunhões (cfr Jo 9,22; 12,42), procuravam impedir as pessoas simples de seguir Jesus. O escândalo, de que o evangelho fala, é tudo aquilo que impede a alguém de seguir a Deus para chegar à salvação. Para um homem que desvia os outros da fé em Cristo melhor seria, segundo a palavra de Jesus, que fosse lançado ao mar com uma grande pedra atada ao pescoço. Antes que fazer perder a fé, mesmo a um só, melhor seria morrer.

Frases deste género não são tomadas como sentenças de condenação direta e imediata, mas antes como expressões que servem para melhor fazer compreender o carácter profundamente negativo de tal ação.

Ao aplicar estas palavras de Jesus, a respeito do escândalo, a comunidade cristã não entendeu limitá-las apenas às crianças, mas a todos os fiéis da comunidade que eram tentados a renunciar à fé. É sempre extremamente grave pôr em perigo ou destruir a fé no coração dos simples.

A série de sentenças referentes aos membros do corpo que se tornam ocasião de queda moral mostra como é radical a exigência de Cristo do ponto de vista ético. Para Ele o tema da salvação é tão grave que é necessário fazer qualquer esforço para entrar no reino de Deus (cfr Lc 13,24). Quando está em jogo a nossa salvação eterna, não podemos contentar-nos com meias medidas.

“Não entrar na vida”, “não entrar no reino de Deus” significa a falência do fim último da vida, não entrar na vida eterna de Deus: é a falência total da existência, é tornar-se “rejeitado” para ser lançado na lixeira para ser queimado, por ser inútil, estorvar e cheirar mal.

Há aqui um convite premente a descobrir a absoluta importância de seguir Jesus para não perder irremediavelmente o dom da vida presente e futura.

“Tende sal em vós mesmos”. Como em Mt 5,13, esta frase é dirigida aos discípulos; eles devem purificar o mundo sem se deixar contaminar por ele. O sal é portanto apresentado como símbolo de tudo o que se opõe ao espírito do mundo e daquilo que favorece a paz da comunidade: o espírito de serviço, a atenção aos outros, a estima recíproca, a renúncia a si mesmo e ao desejo de grandeza e de poder. Tudo isto foi proposto depois do segundo anúncio da Paixão e da Ressurreição.

Há uma grande coerência entre aquilo que Jesus revela acerca da sua paixão e aquilo que pede aos Doze. A moral cristã nunca deve ensinar-se por si mesma, mas como uma participação no modo de ser de Jesus.

“Vivei em paz uns com os outros”. É uma alusão à discussão (Mc 9,33-34) que tinha ocasionado toda esta segunda parte do capítulo. O amor fraterno exclui atitudes de rivalidade no serviço do Evangelho.

Aplicações à vida

A primeira regra de uma comunidade cristã é a ajuda mútua: por isso a nossa comunidade salesiana deve ser lugar de acolhimento, de partilha e de fraternidade. Acreditamos na importância de uma figura de superior que seja sinal do Senhor presente no meio de nós, mas as relações entre nós não podem ser jurídicas e hierárquicas. A profecia da nossa fraternidade passa pelas relações fraternas e pessoais em todos os sentidos. A nossa comunidade, para ser profecia de fraternidade, deve ser um lugar de doação e de comunhão real.

Para sermos verdadeiramente discípulos do nosso Mestre, o fundamento e a lógica da nossa vida só pode ser o serviço! Por isso a nossa comunidade deve colocar no primeiro lugar (isto em relação aos irmãos e mais ainda em relação aos destinatários) aquele que é pobre: o débil, o indefeso, o frágil na vida e na fé. A caridade e a misericórdia, a paz e a edificação mútua, valem mais do que a “verdade” teórica, à qual por vezes se sacrificam as pessoas.

A única verdade é com efeito o amor concreto e o serviço é a escolha e a atitude que o ajudam a desenvolver-se.

É óbvio que o nosso testemunho e o nosso viver como discípulos são orientados para aqueles pequenos que são os nossos destinatários: os jovens. Eles respiram o nosso modo de ser e captam ou não as nossas convicções

Devemos evitar o escândalo que não é necessariamente uma conduta incorreta, mas também a falta de empenhamento, de crescimento, a preguiça na missão ou a frieza das relações... Todas aquelas atitudes que mostram que o nosso espírito se apagou e que a vocação não é um facto dinâmico, mas um episódio de outros tempos. Tudo isto bloqueia e torna estéril uma comunicação fraterna e torna vazio o nosso anúncio de fé. Ai de nós!

Peçamos ao Senhor que adiramos à sua Palavra com a vida e que anunciemos a sua Palavra com um amor concreto vivido na profecia da fraternidade e no serviço à missão.

Pe. Adriano Bregolin